

Descendência de Antônio Simão de Melo:

Entre 1870 a 1880 morria uma indiozinha muito bonita que lembrava feliz da vida. Os índios selvagens matavam cada dia menino e as cidades cresciam. Este dia um senhor (descendi o nome do pai de Antônio Simão) o carcereiro viu aquela linda indiozinha lembrando, pensou em pegá-la para criar mais foi imbecil. Ele ficou com aquela menina na cela e ela voltou. A indiozinha quando viu aquele senhor se queimou ficou com muito medo e saiu correndo. Ele pegou um laço e a pegou no seu carcereiro levando-a para casa. Ela tinha mãe e um irmão. 07 anos de idade, quase não sabia falar português e foi chamada de Picidônia, e com todo respeito foi tratada como se fosse filha dele. Este senhor tinha um filho chamado João Simão de Melo que casou-se com aquela índia, a Picidônia. Ele nasceu, se apaixonaram, casaram e tiveram 04 filhos: Olímpio Simão de Melo, Antônio Simão de Melo, Maria e Rosa. Eles moravam na comunidade dos Brangimbeiros. Olímpio Simão de Melo casou-se com Patemilia Maria dos Santos e teve 3 filhos: Maria Galvina dos Santos, Altino Maria dos Santos e Leticia Maria dos Santos. A Maria casou-se, mas não sabia o nome de seu esposo e de seus filhos. A Rosa era leia, muito bonita, porém faleceu jovem, teve um ataque de epilepsia quando ia buscar água na lida. E Antônio Simão de Melo homem letrado característica indígena, calouros prontos para fazer sua mãe aquela índia que foi capturada no mato.

CANDIDÉS:

A maior nação indígena Brasil, no século XVIII foi a dos Cipoí do Sul, que habitavam vastas regiões desde o norte do Pará, parte de Goiás e de Minas Gerais, até bem fundo na floresta amazônica, incluindo pelas rios Xingu e Araguaia. Seus inimigos eram os Baen e os Betucudo, e naturalmente os exploradores, que despojava terra-lhe de suas terras.

Ele se denominavam Mutimiquê (o-parce-de-olho-d'água, em língua aimã), mas foram chamados de Cipoí (o-que-foz-foz-na-mão, na língua tupi-qualani, falada pelas guianenses e landimantes). Esta palavra decorre seu costume de manter sempre acesa, em cada aldeia, uma grande fogueira para lembrar os maus espíritos - cuja coluna de fumaça era vista de longe e também por causa dos queimados que faziam para facilitar a caça e o ataque guerreiro, além de preparar a terra para plantio.

Os Cipoí-candidês viviam em várias aldeias espalhadas pela região do Alto São Francisco, mantendo hábitos de vida relativamente sedentários. Em cada talca (aldeia) geralmente viviam entre cem e duzentos pessoas, comandadas pelo lendário Wafonga (líder espiritual, payé).

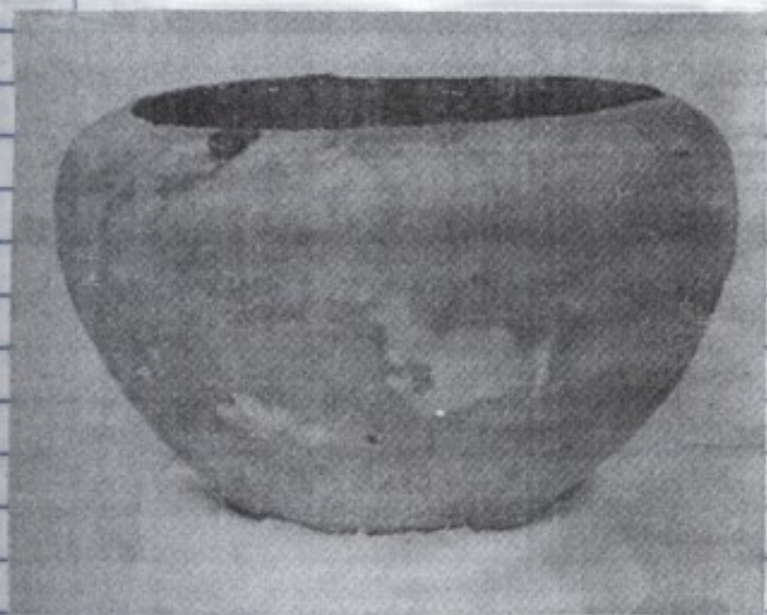
O Candidê saíram de Minas em 1782.

A partir da época de 1870 que vivem na região com os Candidê que pertenciam aos Candidê.

O primeiro encontro de índios e portugueses foi misterioso para mútua e grande surpresa. Os índios ficaram lesquiakutes com a cor negra dos europeus. Com a curiosidade peculiar à gente da da sua raça, os nativos tomaram o lugar de um jacaré e o examinaram meticulosamente; chegaram a molhar o dedo na boca e esfregá-lo na pele branca do negro na superfície de que se revestiu pintada com cor de limpo.

Não menos surpresas ficaram os landimantes ao verificarem

que alguns daqueles índios aprendiam com alguns portugueses um português, e suplicando para, ajudados com a mímica (que para o ser social é o último recurso para a comunicação), inferir que o seu chefe Xiciogu (Muxyogu = colua grande) é quem falava a língua dos brancos, mas Xiciogu não sabia ler.



vaso de cerâmica queimada encontrado na região



PEQUENA VASILHA EM EXPOSIÇÃO NO MUSEU PELIBENO, LENOIR/FERRARA 2000



Índios Candides



Descendência de Maria Cândida de Jesus:

Do lado da Maria Cândida de Jesus (mãe) a história começa com Lucinto Ferreira Gomes e Zíziara (Irisce de Maria Cândida). Lucinto Ferreira Gomes e Zíziara eram fazendeiros, tinham muitas escravos e eram tratados por sinhô e sinhá. Um dia sinhá Zíziara ganhou um lindo menino levinho de alho azú, seu primeiro filho. Certo dia uma escrava que trabalhava perto do almeço da família sem perceber deixou um tale de quialco cair no chão. A criança que estava com 8 meses já engatinhava por toda casa, coleou o tale de quialco na terra engasgou e morreu. Todos ficaram muito triste com a perda daquela linda criança. Muitos acreditavam que a Sinhá e o Sinhô não iam poder aquela criança e iam mandá-la para o leão. A própria escrava contou dizendo: "Pode levar a meça pro leão, a meça morreu" pro Zíziara e Lucinto Ferreira Gomes. Puderam a meça que não fez por maldade. Leio então a dedicação da escravidão, os meços gostaram tanto da fazenda, do sinhô e da sinhá que não foram embora ficando por ali mesmo.

Lucinto Ferreira Gomes e Zíziara tiveram os filhos: Ilário Ferreira Gomes, Mãe dos Deuses Gomes (mãe do Dr. Sebastião Gomes Guimarães, ex-prefeito de Quirinópolis) e Delário Ferreira Gomes. Delário Ferreira Gomes casou-se com Filomena (filha de Luígia e Francisco Claudino de Freitas). Delário era muito leão de alho azú, já a Filomena era morena com cabelo de leão. Ele tiveram os filhos: Maria Cândida de Jesus, Luígia Maria de Jesus, Zíziara Maria de Jesus, Yori Ferreira Gomes, Yoo Ferreira Gomes, Durvino Ferreira Gomes e LEONTINA GOMES de Freitas.

O início de uma união:

Antônio Simão de Melo conheceu Maria Cândida de Jesus da seguinte forma.

Um belo dia, Antônio foi trabalhar na casa de Delácio Gomes, o qual era pai de lindas moças. Antônio Simão foi estorcar na na época de cozer, quando ele chegou na casa de Delácio na comunidade de Espadilha, as moças se esconderam de vergonha. Ele entrou e sentou-se e a Filomena gritou: "Maria vai fazer um café para o Antônio e traz aqui pra ele". Ela saiu de trás da porta com os pés descalços e as pernas tremendo de vergonha. Maria Cândida fez o café e entregou para Antônio, voltando para o quarto onde estavam todos os seus irmãos. Pelo buraco da fechadura todos eles ficaram olhando para aquele homem e ele, muito espanto, notou tudo por debaixo da porta aquele monte de pés descalços que depois foi motivo de comentários. Ela era ainda uma criança mas mesmo assim foi prometida para Antônio Simão. Mais tarde cozeram e tiveram 10 filhos: Lúli Simão de Melo, Lealdesina Maria de Melo, Ozeri Simão de Melo, Alice Maria de Melo, Antônio Simão Filho, Aneli Maria de Melo, Arlindo Simão de Melo, Yosi Simão de Melo, Maria Cândida Filho e Antônia Maria de Melo.

Passeio na Ripa:

No dia 10-11, Antônio, Pedro e Silvana, foram na Ripa para conhecer com alguns moradores de lá, para conhecer mais a respeito da família.

Este é Antônio Miguel:

Antônio Miguel era o meeiro mais querido da Ripa, e foi nomeado da tia Dina. Ele contou muitas histórias, e até contou a nossa para nós.

A sua esposa era irmã, da mãe de Maria Cândida.

Descobrimos que o gosto pela música, que é tão marcante na família vem de raízes quicadas.



A família era muito teatralbódica, pobre, porém, muito filiz. Nunca faltou comida, a união e o respeito uniu-se por ali. Antônio Simão de Melo, homem caudoso, cuidava das meninices que chegavam cheios de pulhas e lances. Dava lenço, roupa, comida e costura se calasse.

Antônio Simão era supitado e amado por todos, toda noite a turma se reunia para tocar e contar. Quase todos instrumentos, os que não tinham instrumentos acompanhavam com duas colheitas e contavam. Na noite os homens dançavam cativa, os moços não podiam dançar, ficavam morando de contode. Na época da quaresma, todos os instrumentos eram guardados e os cordes eram retirados em forma de respeito. Quando chegava o Salado de Filúvia, todos acendiam de madrugada, os homens iam matar e preparar peixe e as mulheres fazer licorito e doce. Os instrumentos eram marcadamente preparados e era uma alusão ao, contando e contando.

Na Ripa, tinha uma escola onde passavam os comitêes com os leais. A escola era muito ruim, sempre uma ou outra menina quebrou a pena e os leais duvidam para Antônio Simão por um preço bem baixo. Juntava todos os filhos para distinguir a menina. Depois como de costume dava uma pedreira para os vizinhos. Tinha uma menina solteira que usava a calça da menina, apelidaram a de "Augusta Calça". Ela foi vítima de uma história que marcou a fazenda de Inácio Ferreira Gomes, tio da Maria Cândida de Jesus. Augusta Calça tocava pedras como se fosse assembléias. Todos na Ripa choravam os pedras para lembrar os fazendeiros achando que era coisa de natural. Antônio Simão desconfiado ficou escondido atrás da mata e disse: "É hoje que eu vejo esta assembléias". Pouco tempo depois acabou um grito, quando foi ver o que era

deu de cara com Augusta Calça tocando pedras no telhado da fazenda, gemendo e morando de rei. Antônio Simão pegou Augusta pelo braço jogou no meio da sala dizendo: "A assembléias e não aqui é...". Augusta Calça ficou sem graça e nunca mais repetiu o feito.

Tudo começou ASSIM:

ATRavés de sermos PRIMOS 3º, EU LOURDES Fernandes, FREQUENTAVA a casa da Mãe de Veli Simão de Melo. Fomos CRIADOS JUNTOS como IRMÃOS. Eu com as minhas PRIMAS IRMÃ DO ANTÔNIO MIGUEL, íamos para cachoeira nadar, onde Veli Simão nos seguia e CURIOSO ficava nos ESPIANDO nadar.

Veli fazia VÁRIAS PROEZAS Jogando Pedra na caixa de MarinBondo Para ver se saímos CORRENDO do RIBEIRÃO, pois estávamos nadando apenas de calcinha. Aos 15 anos eu Lourdes, comecei a namorar com Veli Simão de Melo, por ser o FILHO MAIS VELHO o PAI dele ANTÔNIO SIMÃO ACHAVA que ele era muito NOVO Para casar, pois ele ajudava no sustento da casa. Já o PAI de LOURDES APROVAVA o namoro. Aos 17 anos de Lourdes e 18 anos de Veli, eles se casaram, APESAR do casamento ser adiado por 12 dias por motivo de serem PRIMOS 3º. ATRaves de uma licença eles se casaram no cercado, ATUAL Nova Serrana no dia 20 de Janeiro, onde foram morar na Rifa.

Eles não tinham móveis algum,
sua cama foi feita de madeira,
esculpida por facão. Apesar
da dificuldade o Amor
vence qualquer barreira.
Em seguida tivemos a nossa
1ª filha: Maria que depois de
alguns dias veio a falecer.
Como na época não havia
televisão e o nosso divertimento
era apenas um radinho de
pilha, tivemos mais 12 filhos,
que apesar da dificuldade
foram criados com muito
amor. Eu e Veli ainda vivemos
juntos por 5ª anos, pois com
uma atrofia cerebral o
colocou em uma cadeira
de rodas por mais de um
ano.

Veli simão de Melo veio a
falecer em 23 de fevereiro
de 1995. Hoje nos resta saudade
sua esposa, filhos, netos e
bisnetos.



Foto tirada no dia do casamento 1963

PREFÁCIO

Pediram-me que relata-se um fato ocorrido com meus pais aqui neste caderno.

Eu prefiro fazer uma mini biografia da existência de três seres humanos, que existiram e continuam existindo na face da terra.

continuam existindo através de filho e netos.

SILVANO DE CASTRO
Silvano

Oi primos, tios e tias,
meu nome é Silvano de Castro,
eu também sou descendente
de Antonio Simão de Melo
e Maria Candida de Jesus.

meus pais: Joaquim Vicente
de Castro e Uldovina Maria
de Melo.

minha mãe faleceu no
dia 17 de dezembro de 1983
e meu pai no dia 21 de julho
de 2000.

Sou filho do segundo
casamento de minha mãe,
pelo o que foi relatado pela
minha mãe, ela casou

a primeira vez com um primo, primo de primeiro grau, casamento este prometido pelos pais, que eram irmãos. Minha mãe era a filha mais velha da família. Um ano de mais, no primeiro casamento ela teve um filho de nome Artur, que veio a falecer através de um tombão, que seu cunhado deu na criança.

Tentaram salvar a criança mas não teve feito.

Alguns tempo depois ela veio a separar do seu marido, mudou-se para Divinópolis, e através do alda do Dr. ^{Dr. SEBASTIÃO} Guimarães veio trabalhar na Santa Casa de Misericórdia de Divinópolis, este hospital era o único existente aqui nesta cidade.

Neste hospital adquiriu experiência como porteira, conseguiu essa que trabalhou enquanto teve saúde.

Quando havia algum problema com algum paciente chamava o Dr. Sebastião que dava a ela toda a assistência necessária.

Aqui vive em Divinópolis,

existe muitas seres humanos que vieram ao mundo através de Deus e da ajuda de minha mãe para nascer. As crianças que nasciam minha mãe dava toda assistência até que a mãe da criança se recuperasse a saúde.

Por muitas vezes eu acompanhava o trabalho dela, e ficava com muita vergonha, pois toda criança que nasciam menina saíam que era minha namorada.

Nossa cidade havia muito pouco recursos médicos naquela época.

Eu havia quatro anos que minha mãe trabalhava na Santa casa.

Um belo dia um senhor chamado Joaquim, que morava em um quintal próximo a Divinópolis, deu entrada neste hospital com sérios problemas de saúde; havia perdido o pai e logo depois veio a perder a mãe, a única como viva trouxe ele para tratar neste hospital, ficou muito tempo internado, onde veio a conhecer a D^ª Divina, meu pai lá na sala apren-

deu a profissão de barbeiro,
por conselhos médicos.
Vendeu o sítio na cochoeir
na e mudou-se para Divinó-
polis, comprou um barãoco
na rua São Sebastião no
bairro, Afonso Pena,

minha mãe com suas
economias da volta. conse-
guindo comprar um barãoco
no mesmo bairro na rua
Vitória.

Minha mãe no primeiro
casamento havia casado
com um religioso, meu pai
era solteiro e casado, lá
conhecia a dona Divina
do hospital.

Adivinha o que aconteceu?
os dois se enolaram, aí
minha mãe engravidou,
nasceu meu irmão.

Ele nasceu fraco com
problemas de saúde, e
não conseguiu sobreviver.

Ele foi batizado no dia
da sua morte, pelo Sr.
Joãozinho Lima, porque não
dava tempo de buscar
o padre.

Depois deste acontecimen-
to, meu pai vendeu o barão-
co dele e comprou um
terreno no bairro Afonso

pena, na rua Mato Grosso
numero 1639, o torreador tinha
um barracão, ele arumou este
barracão. Minha mãe arumou
o barracão dela e alugou.

Depois veio morar com
meu pai.

Nestas alturas meus avós
veio morar em Dinópolis,
meu pai trabalhava como
barbeiro, minha mãe la
havia lotado o hospital
e trabalhava como parteira
e costureira.

No ano de 1955 minha
mãe engravidou-se.

Em janeiro de 1956 No
dia 8 às 11:45h da manhã
adivinha quem chegou?

Fu. Dei mais sorte que
meu irmão ao contrario dele,
nasci forte, saudável e bonito.

Segundo o relato do meu
avô Antônio Simão, eu era
tão levedo que meus pais
nao queriam ter mais filhos.

Em 1963 fui convidado
junto com Sr. Geraldo Tavares
para ser os padrinhos do
casamento do meus pais
este casamento só se realizou
no civil, visto que minha
mãe ja havia sido casada
no religioso.

Ver filho unico foi o
que mais me prejudicou
na vida, sempre reclamava
com minha mãe, tudo era
co' eu. EU para trabalhar,
eu para apanhar, eu para
fazer as coisas.

Eu nao tinha irmão para
dividir nada, por outro lado
as carinhosas eram so meus.

tivemos uma vida muito
bonita, lutas, nao havia luxo,
mais havia muita fartura
gracas ao trabalho dos meus
pais.

Devido a falta de irmãos
que sentia ao longo da minha
vida, procurei compensar
quando cozei.

tive quatro filhas para
minha alegria, foram dois
casais, que belezas!

Na hora de trabalhar todo
mundo junto, na hora de
apanhar todo mundo junto.

As vezes sou pego de
surpresa pelas meus pensa-
mentos, esqueço da minha
condição do pai e pouco
o considero meus filhos
como irmãos, irmão estes
que nao pude ter.

nao consigo lembrar de
nenhuma desavença entre

a família dos meus avós,
foi uma convivência muito
bonita, de respeito carinho
e seriedade.

Costo muito de minhas tias
e de meus tios, dentre
meus tios e tias convivi
muito com três deles e
recebi muito carinho deles,
agui vou o meu agradecimen-
to a todas que me deram
carinho, mais em especial
as tias: Veli Simão, Jose
Simão e tia Tonha.

Disto especial e porque
houve mais convivência,
durante minha vida.

9 meu eterno agradece-
mento a Deus, a Antonio
Simão de Melo e Maria
candida de Jesus, pela
minha existência na face
da terra.

Por obra do destino o local
onde reunimos foi o antigo
hospital onde minha mãe
trabalhava: Santa Casa de
misericórdia Nossa Senhora
Aparecida, hoje transformada
em asilo.

A 11/2006

Silvestre



Maria Cândida da Silva, 9ª filha do casal Maria Cândida de Jesus e Antônio Simão de Melo, nascida em 06.02.1934, data do registro civil 06.02.1936.

A filha Maria Cândida começou a trabalhar muito cedo, aos 8 anos de idade já trabalhava na roça com seu pai e seus irmãos, à noite quando sobrava tempo brincava de boneca, pois tinha também que limpar arroz (tirar as cascas) e tecer cestas de palha.

Aos 18 anos se mudou com a família para Divinópolis e começou a trabalhar de empregada doméstica, pois na infância teve que interromper seus estudos para trabalhar na roça.

Aos 23 anos de idade casou-se com Antônio Carlos da Silva. A durabilidade dessa união foi de apenas 8 anos.

Em data de 4.03.1968, Antônio Carlos foi assassinado no posto de gasolina onde trabalhava. Segundo o relato do próprio assassino, ele teria o matado pelas costas com uma marreta, para roubar. O réu confesso era colega de trabalho da vítima, ao ver que o patrão tinha guardado uma certa quantia no cofre do posto, e era Antônio Carlos que ficava com a chave do mesmo na ausência do patrão, matou-o covardemente.

A esposa Maria Cândida na época do crime estava grávida de 3 meses.

Dessa união nasceram 4 filhos: Antônio Carlos da Silva Filho, Maria Mônica da Silva, Romeu Carlos de Melo e Marlene da Silva. Não foi fácil para a viúva educar

e cuidar das filhas sozinha, o advogado Dr. Simão Salomé conseguiu emprego para ela em uma escola.

Agora graças a Deus ela é apresentada e avó de 2 netos: Richard Anderson da Silva filho de Toimzinho; e Jhonatan Oliveira Neto, filho de Romen.

Entregas o teu caminho ao Senhor confia nele e ele tudo fará. Salmos 37: 5



José Simão de Melo, 6º filho do casal Antônio Simão de Melo e Maria Cândida de Jesus, nascido em 25/04/1983, no município de Nova Serra (RPA)

Estudou em uma humilde escola, até a 3ª série, sua professora que era muito querida por todos se chamava Mariaginha.

Os 8 anos começou a trabalhar com seu pai e seus irmãos na plantação, trabalhava no horário da tarde e estudava no horário da manhã.

Quando saía para trabalhar, sua ^{mãe} sempre deixava uma "gemela" de comida e uma roupa para ele, almooava na casa com seus companheiros. Simão era uma pessoa muito generosa, dividia sua comida com todos.

Gostava muito de música, começou a tocar no bloco aos seus 13 anos, fazia serenata para as moças. Mesmo se divertindo com suas serenatas e amigos, era um moço muito responsável, nunca deixou de cumprir com suas obrigações.

No dia 31/05/1958, com seus 25 anos, casou-se com Jôia Ribeiro da Silva e teve 6 filhos: Jôia, Aparecida, José, Luzia, Kristides, Amarelado, sendo que Jôia e Luzia veio a falecer quando crianças. Hoje aos 76 anos têm 5 netos: Helaine, Fabrícia, Diego, Marco Túlio, Jôia Epigênia e o Bisneto Arthur Simão, filho da Fabrícia que é a alegria da família.